

ASSESSORIA LINGUÍSTICA: O LADO PEDAGÓGICO DO PROFISSIONAL TRADUTOR-INTÉRPRETE DE LIBRAS

*Linguistic consultancy service: the pedagogical side of the
professional Libras translator-interpreter*



Adriana Gomes Pereira¹

(INES)



Ana Cristina de Souza Flores²

(INES)



Aline L. de A. Campos³

(INES)



¹Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ; adriana.pgomes@ines.gov.br

²Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ; asouza@ines.gov.br

³Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ; alinelastorina@ines.gov.br



Débora Cristina T. dos Santos⁴

(INES)



Eduardo da Silva e Silva⁵

(INES)



Érica Cristina da S. e Silva⁶

(INES)



Lorena Sousa dos Santos⁷

(INES)



Resumo

O artigo visa tratar sobre o serviço de consultoria linguística, ofertado pelos tradutores-intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, lotados do Departamento de Educação Básica - DEBASI aos professores do segundo segmento do Colégio de Aplicação Cap-INES e a relevância deste atendimento para a prática docente em uma interlocução direta, compreendendo aspectos linguísticos, culturais e identitários. Também tem o objetivo de ressaltar o diferencial que o suporte de consultoria proporciona ao seu público-alvo, sobre a perspectiva do vínculo e autonomia com seu alunado. O docente, ao recorrer ao serviço de consultoria, busca estratégias e soluções para conduzir seu discurso, seu trabalho sem a intervenção do mediador linguístico, a fim de atrair seu público, o alunado, para que haja o relacionamento, a troca, o diálogo, a alteridade e o conforto linguístico, culminando em um trabalho conjunto entre os dois, que gere o produto final: a troca dos saberes entre ambas as partes.

Palavras chave: Consultoria Linguística; Autonomia; Conforto Linguístico.

⁴Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ; dcristina@ines.gov.br

⁵Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ; eduardoss@ines.gov.br

⁶Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ; ecristina@ines.gov.br

⁷Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ; lorenas@ines.gov.br

Abstract

The article aims to discuss the linguistic consultancy service, offered by translators and interpreters of Brazilian Sign Language and Portuguese Language, assigned to the Department of Basic Education - DEBASI to teachers of the second segment of the Colégio de Aplicação- Cap/ INES and the relevance of this service for teaching practice in a direct dialogue, understanding linguistic, cultural and identity aspects. It also aims to highlight the difference that consultancy support provides to its target audience, from the perspective of bonding and autonomy with its students. The teacher, when using the consultancy service, seeks strategies and solutions to conduct his speech, his work without the intervention of the linguistic mediator, in order to attract his audience, the students, so that there is relationship, exchange, dialogue, otherness and linguistic comfort, culminating in joint work between the two, which generates the final product: the exchange of knowledge between both parties.

Keywords: Linguistic consultancy service; Autonomy; Linguistic comfort.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK:**

https://youtu.be/32uTkIfx50c?si=Y22x_d4yGVnryuwJ



Introdução

A educação de surdos passou por três importantes períodos metodológicos: oralismo, comunicação total e bilinguismo. Iremos nos ater ao terceiro, pois este orienta o trabalho educacional no Instituto Nacional de Educação de Surdos, entendendo a Língua Brasileira de Sinais - Libras, enquanto língua de comunicação, expressão e principalmente instrução dos sujeitos surdos.

O artigo versará sobre o serviço de consultoria linguística, ofertado pelos tradutores-intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, lotados no Departamento de Educação Básica - DEBASI, e como o mesmo está relacionado às práticas pedagógicas bilíngues no segundo segmento do Colégio de Aplicação - Cap-INES. Conforme as atribuições prescritas no edital MEC-INES, 09/2012, o profissional tradutor-intérprete do Instituto atua assessorando nas atividades de ensino do corpo docente e discente.

O público alvo em destaque serão os professores que usufruem do serviço de consultoria linguística, o qual demanda do consultor saberes linguísticos, socioculturais e identitários, os quais de forma relevante contribuem para autonomia e gestão do próprio discurso, sem a intervenção direta do tradutor-intérprete, junto ao seu alunado. Albres (2015), sobre as práticas do intérprete educacional, afirma que o trabalho colaborativo entre professor e intérprete possibilita que questões linguísticas e metodológicas estejam presentes no planejamento e aplicação das práxis pedagógicas. Embora a dinâmica de atuação dos intérpretes do Cap-INES seja um pouco diferenciada dos profissionais citados pela autora, pois estes atuam no espaço educacional inclusivo, existem pontos pertinentes à realidade dos profissionais do Instituto.

No INES é essencial que sejam estabelecidos vínculos do professor com seu alunado, sem a intervenção do mediador linguístico no ato do discurso, pois ele necessita atrair seu

público, o aluno, para o palco das discussões, a fim de que haja o relacionamento, a troca, o diálogo, a empatia e o conforto linguístico, culminando em um trabalho conjunto entre os dois, que gere o produto final: a troca dos saberes entre ambas as partes.

A consultoria, segundo Rodrigues (2012), é um serviço de auxílio que visa proporcionar uma independência daquele que busca o consultor, porquanto são estabelecidos processos de ensino e aprendizado. O intérprete é o profissional que agrega saberes linguísticos, capaz de diagnosticar a real necessidade, o tipo de abordagem, suprimindo pontos voltados à competência comunicativa sobre o viés da gramática, do léxico, da semântica, da pragmática, sociolinguística e aspectos culturais.

O presente artigo trata-se de um estudo qualitativo, a partir de discussões em equipe unindo a teoria e a prática, associadas aos registros documentais, legislativos e autores consagrados no campo da educação de surdos. Para tal analisou-se documentos como o Projeto Político Pedagógico do INES (2011), que trata das especificidades do Instituto, a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), que dispõe sobre o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais - Libras, Quadros e Lodenir (2004) sobre linguagem e comunicação, Faraco (2009) expondo a relação dialógica através do discurso, Lacerda e Santos (2014) refletindo sobre o trabalho do tradutor-intérprete de Libras, entre outros.

Com base nas atribuições dos intérpretes de Libras do INES atreladas ao edital do Instituto, mencionado anteriormente, o artigo pretende refletir sobre a contribuição e atuação indireta do tradutor-intérprete de Libras, através da consultoria ofertada aos docentes, os quais de forma autônoma ministram suas aulas em Libras.

Na consultoria linguística veremos os aspectos pertinentes às abordagens e necessidades apresentadas pelo público-alvo, e com a equipe, através dos parâmetros linguísticos, identifica o contexto com questões de ordem semântica, pragmática, lexical, sintática e dialógica.

1 Consultoria linguística, o que é?

Segundo o dicionário Dicio (<https://www.dicio.com.br/consultoria>), a consultoria trata-se de orientações específicas direcionadas às necessidades da clientela, através do compartilhamento dos saberes técnicos de um profissional. O dicionário Priberam (<http://dicionario.priberam.org/consultoria>) descreve ser a consulta ou conselho por meio de um consultor, através de pareceres técnicos, visando diluir as dificuldades, focando nas especificidades dos problemas existentes com diretrizes fundamentadas.

Vejamos o conceito da ciência linguística. Martelotta (2011, p. 15) tem razão ao afirmar, “ser pouco esclarecedor a definição da linguística, ser a disciplina que estuda cientificamente a linguagem”. Quadros e Karnopp (2004, p.16) afirmam ser ela a ciência que elucida os fatos linguísticos, trata a descrição das línguas e a explicação dos fatores comuns, com o objetivo de “desvendar os princípios independentes da lógica e da informação que determinam a linguagem humana”. As mesmas relatam que há um desconhecimento sobre a área da linguística, e que ela não se resume ao uso de diferentes línguas ou gramáticas normativas. Ressaltam que a ciência tem a preocupação com a

natureza da linguagem e da comunicação, com o papel de desvendar a complexidade da linguagem humana, assim como as formas criativas da comunicação. A linha investigativa da linguística, ainda em Quadros e Karnopp (2004), procura as respostas para os problemas essenciais referentes à linguagem e comunicação:

Qual é a natureza da linguagem humana? Como a comunicação se constrói? Quais os princípios que determinam a habilidade dos seres humanos em produzir e compreender a linguagem? (Quadros, Karnopp, 2004, p. 16).

As autoras também apontam a vasta área de estudo da linguística:

A área da linguística está crescendo como área de estudo, apresentando impacto nas áreas voltadas para educação, antropologia, sociologia, psicologia cognitiva, ensino de línguas, filosofia, informática, neurologia e inteligência artificial (Quadros, Karnopp, 2004, p. 16).

Dentro do vasto campo de estudo da linguística há a linha de consultoria linguística, a qual é expressiva no âmbito da revisão de textos e publicações, assim como nas traduções de uma língua fonte para uma língua alvo, mas, segundo o consultor linguístico Rodrigues (2012), em seu artigo publicado na revista “Gente & Negócios”, informa que esta mesma linha de consultoria linguística, consegue se expandir para uma atuação tão relevante e presente na demanda de “Assessoria Comunicativa” (<https://blogdanielrodrigues.com/2012/09/26/afinal-o-que-e-consultoria-linguistica/>). Para Rodrigues, tal assessoria visa dar autonomia à sua clientela, a qual tem o objetivo de alcançar seu público alvo através do discurso, fazendo com que o mesmo tenha o protagonismo e relevância em seus diálogos e interlocuções, independente de qual seja a área profissional. Ele afirma que a expertise dos profissionais colaboradores de consultoria linguística de sua empresa está abalizada no conhecimento linguístico, no ensino- aprendizagem, na abordagem de ensino, visando dar conta do déficit comunicativo associado aos aspectos gramaticais, lexicais, semânticos, extralinguísticos associados aos fatores pragmáticos, sociolinguísticos e culturais.

2 Quem é esse consultor no Cap-INES?

A comunidade surda, através de suas incansáveis lutas, conquistou o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais enquanto língua de comunicação e expressão:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002).

Além disso, o Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005, discorre em um capítulo sobre o intérprete de Libras e sua formação, além de garantir nos espaços públicos

e privados a atuação desse mediador linguístico.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação. (Brasil, 2005).

O trabalho do tradutor-intérprete no âmbito educacional vem sendo ressignificado, uma vez que seu conhecimento e atuação são perpassados por peculiaridades da área educacional para além do domínio e fluência na Libras.

Albres (2015) defende que primordialmente o intérprete educacional deve intermediar as relações estabelecidas entre o discente surdo e os demais sujeitos. Nessa perspectiva, esse profissional precisa ter competência linguística tanto em Libras, quanto em Língua Portuguesa, compreendendo a estrutura de ambas as línguas.

A profissão do tradutor-intérprete de Libras foi reconhecida no dia 1º de setembro de 2010 pela Lei nº. 12.319 e assim suscitou novas discussões sobre a atuação deste profissional tendo em vista que.

[...] processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais aproximadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos (Quadros, 2004, p. 27).

Nessa perspectiva, quando falamos de tradução e interpretação, falamos de dois processos linguísticos e culturais com suas particularidades, isto é, o da língua fonte e o da língua alvo. O intérprete de Libras - Língua Portuguesa será um conhecedor profundo de ambas as línguas e prerrogativas culturais com competência profissional na área de tradução e interpretação.

É de suma importância que o intérprete exerça sua profissão com qualidade e responsabilidade, uma vez que contribui para a garantia da comunicação, acesso à educação e informação da pessoa surda.

2.1 O trabalho do intérprete no Cap-INES

Tendo em vista que o Cap-INES tem como eixo norteador a educação bilíngue, sendo a língua de instrução a Libras, e a segunda língua a Língua Portuguesa na modalidade escrita, os tradutores-intérpretes do Instituto atuam em várias vertentes. Segundo o edital MEC/INES Nº 09/2012 (2012, p.1), há atribuições que estão voltadas para traduzir documentos, informes institucionais, materiais didáticos pedagógicos ou técnicos próprios do Instituto. As traduções são realizadas dentro da estrutura da instituição com estúdio profissional.

As funções atribuídas no edital estão vinculadas aos parâmetros pedagógicos, sócio-interativos, curriculares e culturais.

Além do suporte tradutório, outro atributo é a área de interpretação em Libras / Língua Portuguesa / Libras em reuniões, eventos internos, cursos, atividades escolares da instituição onde estejam presentes servidores do INES que ainda não tenham domínio / fluência na Libras, atividades curriculares e extracurriculares internas ou em outras instituições em que o INES se fizer presente acompanhando o corpo discente ou profissionais surdos em situações relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem (INES, 2011, p 37) .

A consultoria linguística também surge dentro desse cenário com toda carga pedagógica, social e cultural. A demanda dentro desse contexto acadêmico ocorre de forma orgânica, flui naturalmente com a procura do corpo docente, discente e também de outros servidores e colaboradores, aos intérpretes para consultar sinais, significados de palavras em contextos diversos, estruturas e respectivos parâmetros linguísticos. O foco desse artigo está voltado para consultoria ofertada ao corpo docente.

3 O lado pedagógico

Todos que atuam no espaço acadêmico sempre de forma direta ou indireta estarão contribuindo dentro do espaço escolar de forma pedagógica dentro de suas atribuições.

A equipe de intérpretes do DEBASI apesar de não atuar de forma frequente interpretando as aulas no Colégio de Aplicação - Cap-INES, tem um perfil educacional, pois está inserido dentro desse contexto, atuando com docentes e discentes na maioria das vezes fora da sala de aula. Kelman (2008 apud Costa, 2017, p.46), em suas pesquisas sobre o trabalho conjunto entre professores e profissionais tradutores-intérpretes de Libras, ressalta o termo *codocência*, o qual aplica-se ao trabalho compartilhado e com planejamento integrado, dinâmico e interativo entre ambos os profissionais, ou seja, uma atuação antes, durante e após o processo educativo. Embora os intérpretes do DEBASI não atuem integralmente em sala de aula sob a perspectiva da *bi-docência*, que segundo a autora, refere-se apenas à atuação dos dois profissionais no mesmo espaço físico (p. 46), de fato, a equipe agrega traços de uma *codocência*, quando discute com o docente os conceitos e intervém no processo do discurso planejado, antes de concretizá-lo na sala de aula.

O serviço de consultoria linguística prestado pela equipe de TILSP do DEBASI tem aproximação com a *codocência*, pois a consultoria também permite o compartilhar dos saberes, a intervenção técnica para a resolução das questões linguísticas no trânsito de uma língua linear (Albres, 2014, p. 101) de modalidade oral para uma língua simultânea (Ibid., p. 101) de modalidade gestual-visual. No período da pandemia de Covid-19, a equipe realizou assessorias com professores novos, iniciantes no contexto da surdez, que acatavam os conselhos, alterando seus planejamentos. Por isso o uso do termo *similaridade*, pois a consultoria, não exige uma construção e discussão conjunta do planejamento, culminando na parceria e atuação de ambos profissionais na sala de aula como na *codocência* (Pereira; Heberlein, 2023, p. 199). Portanto, na demanda da consultoria, as construções

e planejamentos do solicitante, são apresentados, para serem dissecados e resolvidos na assessoria, sendo passível de ocorrer novos ajustes daquele que busca a consultoria, mas exige a troca e dialogicidade existentes na codocência.

Sobre o trabalho planejado, Lacerda, Santos e Caetano (2014, p. 196) refletem a respeito do tradutor-intérprete ter acesso à temática, ou conteúdo antecipadamente, sob a ótica inserida no contexto escolar incluso. Tal visão das autoras é pertinente e deve ser aplicada em qualquer âmbito na educação de surdos, como no campo interpretativo ou tradutório, a fim de que haja um trabalho compartilhado entre professores e TILSP, cujo objetivo seja atingir um trabalho de parceria para desenvolvimento de práticas que beneficiem o processo ensino e aprendizagem do alunado.

Mas o que significa planejamento no contexto escolar? Para alguns, talvez seja o mesmo que estabelecer uma lista de conteúdos a serem ensinados, em ordem cronológica; para outros, é seguir a ordem dos conteúdos imposta pelo livro didático. São inúmeras as definições de planejamento, mas Vasconcellos conceitua o ato de forma bastante clara, ao relatar que “planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa.” (Lacerda; Santos; Caetano, 2014, p. 196).

As consultorias que surgem no Cap-INES são pontuais, e necessitam de resoluções imediatas, no momento que as questões acontecem. Também ocorrem após o planejamento do docente antes da aplicação em sala de aula, e aquelas agendadas com tempo prévio para estudo do conteúdo e planejamento dos consultores linguísticos. De fato toda ação voltada para a linha de raciocínio, organização e estudo prévio são fundamentais para atender as demandas da clientela. Vasconcellos (2000 *apud* Lacerda, Santos e Caetano, 2014, p. 196-197), continua os desdobramentos sobre o planejamento conceituando que:

[...] o planejamento é uma construção necessária para a mediação teórica, e deve ser pensado com a finalidade de fazer algo acontecer, de concretizar ideias e, para tal, é importante que haja uma previsão do desenvolvimento da ação, considerando-se fundamentalmente as condições objetivas e subjetivas envolvidas nesse processo. ((Lacerda; Santos; Caetano, 2014, p. 196, 197.

Uma consultoria que permitiu a equipe de TILSP experimentar uma construção de saberes de forma prévia, visando um trabalho compartilhado e planejado, foi referente às escolhas lexicais baseadas no livro “Emocionário: Diga o que você sente” (Pereira, 2018). O livro é um dicionário de emoções repleto de sinônimos. A professora antes de trabalhar o livro com seu alunado proporcionou com envio prévio do material, um tempo dialógico e reflexivo no atendimento “face a face de caráter intrinsecamente social interativo” (Faraco, 2009, p. 64):

As questões lexicais pendentes da professora foram resolvidas na consultoria porque houve uma interação com profissionais, que antecipadamente entraram na linha de discussão e preparo, para obter um atendimento efetivo com sentido. Não foi uma relação dialógica focada apenas no sistema linguístico, segundo Bakhtin (1929-1963 *apud* Faraco, 2009, p. 66), ou seja, “entre palavras em um dicionário, entre morfemas, entre palavras de uma sentença, entre unidades sintáticas e etc.”. (Faraco, 2009, p. 64).

Relações dialógicas através da consultoria com a professora, a qual teve aplicação efetiva do seu conteúdo com o corpo discente:

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas. (Faraco, 2009, p. 64).

Além de abarcar as relações dialógicas bakhtinianas dentro desse âmbito educacional, Albres (2015, p. 94, 95) afirma que o profissional tradutor-intérprete precisa ter os seguintes saberes: linguístico que agregue o conhecimento sobre o processo de interpretação; o discursivo sobre o domínio dos modos de enunciados diferentes entre os interlocutores; o disciplinar associado ao saber terminológico-conceitual pertencente à grade curricular, e o pedagógico que reflete no conhecimento dos pontos os quais atendem às necessidades educativas associadas à pedagogia visual e às peculiaridades da Língua Portuguesa. Albres (2015) trata a respeito do TILSP atuante em sala de aula, mas seus conceitos também se aplicam à realidade dos profissionais tradutores-intérpretes do Cap INES, como Kelman (2008, apud Costa 2017).

4 O cliente e suas demandas

A ação do Padre Aguilar não se resume ao trabalho que desenvolveu no Colégio de Surdos-Mudos de Guimarães, embora tenha sido neste local que desenvolveu e aperfeiçoou o seu método de ensino.

Quando em 1877 o Colégio foi encerrado por falta de verbas, o Padre Aguilar não se deu por vencido e dirigiu uma petição à Câmara Municipal do Porto que lhe foi concedida abrindo o primeiro instituto de surdos desta cidade, o Instituto Municipal de Surdos-Mudos do Porto apresentando nesse mesmo ano como referimos anteriormente os resultados obtidos pelos seus alunos surdos de Guimarães. A partir da fundação deste instituto nunca mais a cidade do Porto deixou de ter uma escola dedicada a este tipo de ensino. Também neste instituto o Padre Aguilar desenvolveu o seu método de ensino, embora por pouco tempo já que veio a falecer em 1879, mas a semente do seu trabalho estava lançada, e seria desenvolvido pelo seu sobrinho Eliseu de Aguilar, que o substituiu como diretor do Instituto Municipal de Surdos-Mudos do Porto. Todavia, ao nível da educação de surdos, Portugal estava ainda muito aquém de outros países e a capital Lisboa desde 1860 que não tinha qualquer resposta para a educação das crianças surdas. Até que em 1887 a Câmara Municipal de Lisboa funda o Instituto Municipal de Surdos-Mudos de Lisboa, que era tutelado pelos Asilos Municipais e, por não haver professores especializados neste tipo de ensino em Lisboa, é convidado Eliseu de Aguilar para chefiar os destinos do instituto lisboeta. Com a vinda de Eliseu de Aguilar para Lisboa, o Instituto Municipal de Surdos-

Mudos do Porto encerra. O Instituto de Lisboa abriu com quarenta alunos sendo Eliseu de Aguiar cumulativamente professor e diretor. Aqui Eliseu aplicou o método do seu que na época se chamava de método misto. Segundo Lourenço (1956, p. 82) “(...) O ensino da articulação era muito restrito e a leitura nos lábios nula (...)”.

Eliseu trouxe consigo para Lisboa a sua mãe e a sua irmã Sara, agora mais crescida e que se dedicou ao ensino das meninas surdas. Este instituto veio a ser incorporado na Casa Pia de Lisboa em 1905, onde passou a funcionar como secção.

Com o encerramento do Instituto Municipal de Surdos do Porto, é fundado em 1893 o Instituto de Surdos-Mudos de Araújo Porto com a fortuna que José Rodrigues Araújo Porto deixou à Santa Casa da Misericórdia.

Assim, no final do século XIX, existiam de forma consolidada dois grandes institutos que davam resposta à generalidade dos surdos em Portugal: O Instituto de Surdos-Mudos Araújo Porto, no norte do país, e o Instituto de Surdos da Casa Pia de Lisboa, que respondia às necessidades dos surdos residentes no centro e sul do país.

Podemos assim afirmar que foi a tenacidade, a crença e conhecimento do Padre Aguiar que proporcionou que Portugal no final de 1900 contasse com uma resposta nacional para a educação de surdos.

Demanda 1: Como o pássaro ficou depois que a onda passou?

Sentença - Explícita (figura 1):

Glosa: < MAR, PÁSSARO VOAR, ONDA-GRANDE, PÁSSARO COMO?>



Figura 1 Sentença explicitada

Sentença - Implícita (figura 2):

Glosa: <PÁSSARO, MAR, VOAR-PERTO, ACONTECER INCIDENTE, O QUÊ?>



Figura 2 Sentença implícita

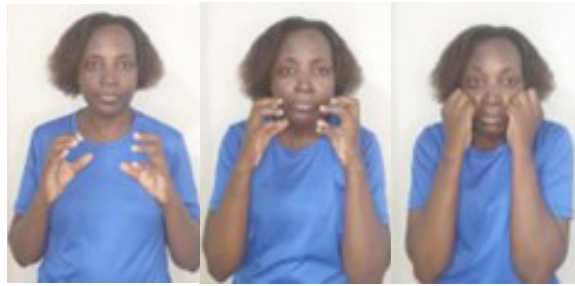


Figura 3 Sinal Vergonha

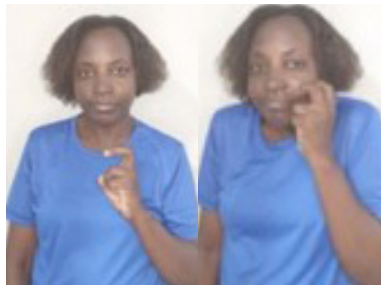


Figura 4 Sinal Timidez

Demanda 3: Sinal PODIA (figura 5)

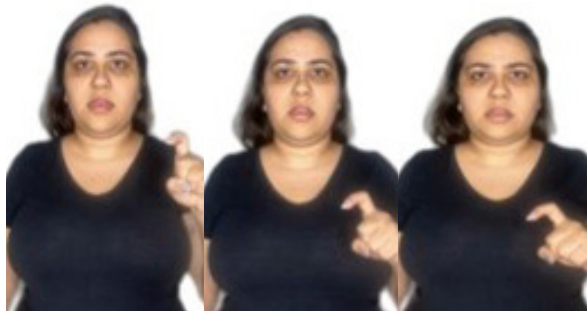


Figura 5 Verbo PODER conjugado na 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito

5 “Depende do Contexto”!

Conhecem o enunciado “depende do contexto”? Essa frase é muito utilizada pela equipe de intérpretes, quando surgem dúvidas que giram em torno do sinal isolado, como o par palavra/sinal. A consultoria inicia-se com a linha investigativa, após a coleta dos dados detalhados (contexto), da análise, e dependendo da temática leva à pesquisa de

sinais, juntamente com a troca, “atividade social intrinsecamente dialógica” (Faraco, 2009, p. 115) e cultural, atingindo o propósito de encontrar o sinal mais apropriado ao contexto em questão.

Partindo do fator sociolinguístico e cultural veremos algumas dúvidas, sanadas na consultoria, e que passaram a ter sentido dentro do contexto:

Diálogo 1:

Professor (a):

- O aluno sempre fala palhaço; ele está me chamando de palhaça?

Tradutor-intérprete:

- Professor (a) por favor, qual foi o contexto?

- Avisei que teríamos teste, mas não foi possível e o aluno falou:

- Estudei para o teste, palhaço eu? - (Figura 6).

Glosa: <ESTUDAR, PROVA, PALHAÇA EU?>.

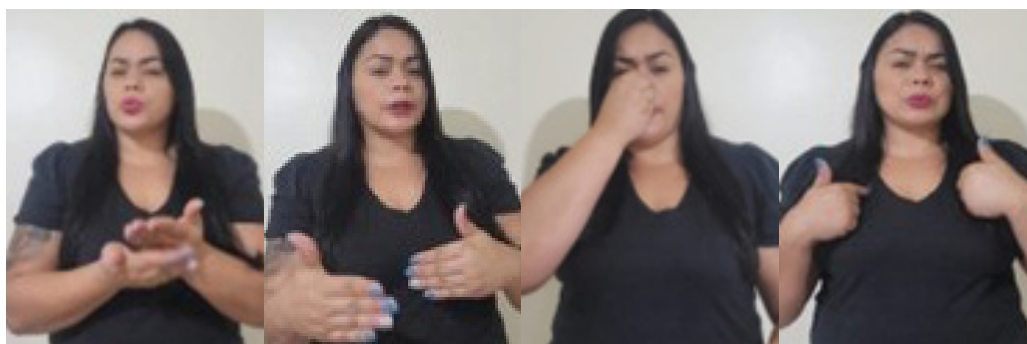


Figura 6 Sentença: “Estudei para o teste. Palhaço eu”?

Foi explicado ao docente que esse termo significa que ele estudou à toa (figura7), já que o teste foi cancelado

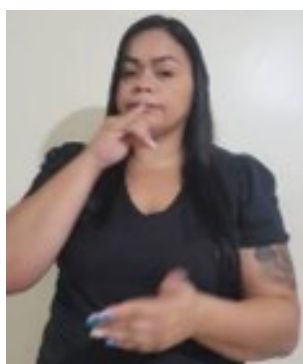


Figura 7 Sinal “À TOA”

Diálogo 2:

Professora:

- Estou falando a respeito de emprego, trabalho informal, conhecido como bico com os alunos.

- Um aluno relatou que tem trabalho informal, conhecido como bico, e fez sinal de

frango. - (Figura 8).

- Por que ele sinalizou trabalho frango?

Intérprete:

- O frango nesse contexto representa o trabalho informal bico.



Figura 8 Sinal FRANCO

Diálogo 3: Figura

Professor:

- Quero usar um sinal de comunicar.

(O sinal foi apresentado)

Professor:

- Mas esse sinal é de avisar!

Signo Avisar (figura 9) - Polissemia:

- Avisar;

-Comunicar;

-Dizer;

-Anunciar;

-Explicar;

-Informar

-Notificar

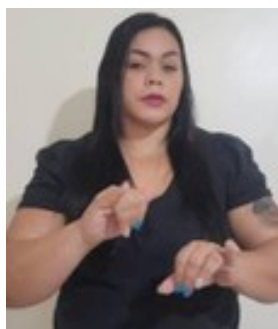


Figura 9 Polissemia na Libras

Diálogo 4:

Professor:

- O aluno falou: - Cheguei atrasado, ônibus cobra. -

- O que significa ônibus cobra?

Intérprete:

- O sentido ônibus cobra significa que o ônibus deu muitas voltas, por isso o atraso. (figura 10).

Glosa: <ATRASO, ÔNIBUS COBRA>

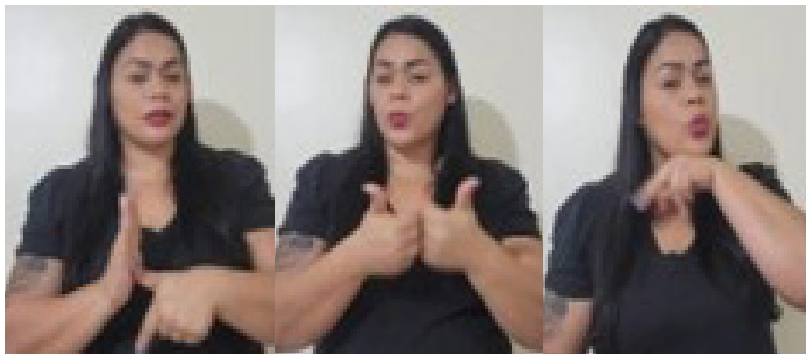


Figura 10 Polissemia na Libras

Cotidianamente, muitas são as dúvidas de compreensão ou de qual sinal utilizar para expressar determinado assunto. Vários questionamentos perpassam por questões culturais e identitárias da comunidade surda. Conhecer a língua é uma atividade extremamente complexa, dessa forma, conhecer o público alvo e manter uma interlocução direta pode favorecer o desenvolvimento na língua. A desverbalização é um fator que precisa ser incorporado conceitualmente, para não cair no equívoco de traduzir, segundo Ricoeur (2011, p. 25), palavra por palavra, permitindo que a mesma palavra receba um equivalente fixo na língua de chegada. Em “Métodos da interpretação”, Todorov (2014, p. 178) expõe que há dois tipos: a interpretação gramatical e a histórica, sendo a primeira voltada para o sentido das frases em si mesmas, já a segunda focada nos enunciados, ou seja, as frases centralizadas em seu contexto. Tudo dependerá do contexto!

6 Autonomia, conforto linguístico e empatia

A comunicação é o meio pelo qual compreendemos a nós mesmos e o mundo e para a maioria das pessoas surdas, essa compreensão ocorre através da Libras.

Na perspectiva bilíngue, em que a língua de sinais é a língua de instrução e a Língua Portuguesa escrita é a segunda língua dos sujeitos, faz-se necessário refletir a importância da interlocução direta professor-aluno.

Pode-se afirmar que a consultoria linguística é uma alternativa fundamental para que o docente possa escolher a melhor estratégia linguística de abordar determinado tema, de forma autônoma e segura.

Com base nas experiências cotidianas, percebe-se que os alunos se sentem motivados e prestam muita atenção no diálogo direto com o docente. Nesse prisma, o intérprete de Libras trabalha por detrás dos bastidores colaborando para uma melhor compreensão linguística de estratégias e vocábulos adequados ao que se pretende dizer. Torna-se

urgente refletir que a língua de conforto do público alvo, os alunos Surdos, em sua grande maioria, é a Libras.

Sobre o conforto linguístico pode-se afirmar que o mesmo, refere-se à língua, a qual o sujeito compreende a si mesmo e interpreta o mundo a sua volta, comunica-se e constrói significados dos enunciados nesta língua, ocorrendo à possibilidade de existir o conforto linguístico no uso de uma segunda língua, desde que a mesma seja acessível (Santiago e Andrade, 2013, p. 147). Para Santiago e Andrade (2013) com a pessoa Surda, o conforto linguístico não ocorre, pois o mesmo não tem fácil acesso à língua majoritária, seja na modalidade oral/auditiva ou escrita. Santiago e Andrade (2013) refletem sobre a grande possibilidade dos ouvintes terem maior probabilidade de acesso ao aprendizado de uma segunda língua, mas vale ressaltar que mesmo com a L1 consolidada para tornar uma pessoa bilíngue, haverá outros fatores que influenciarão no sucesso de tal aquisição. Segundo estudos de Newport e Johnson (1999 apud Santana, 2007, p.65), há uma idade crítica para se aprender uma L2 (segunda língua), a qual está vinculada à maturação, e que as crianças estão em vantagem com relação aos adultos devido ao “platô após a puberdade”, pois a “aprendizagem diminui com a maturação humana”, mas os pesquisadores citados também colocam que a aquisição da língua não é impossível entre adultos. Portanto, mesmo com fatores limitantes que possam inviabilizar o indivíduo, ou o tempo que leve ao aprendizado, a assimilação e acomodação dos parâmetros linguísticos de uma L2, sempre se fará necessário o mergulho sociocultural com os nativos dessa língua. Nunca será fácil, mas para atingirmos uma educação com significado, valerá a pena encarar o desafio, entende-se a tarefa complexa de imergir em uma segunda língua e o aprendizado contínuo por se tratar de uma língua viva e que passa por mudanças constantes. Vale ratificar a relevância da autonomia linguística do corpo docente, assim como toda comunidade do INES, para que cada vez mais a Libras circule naturalmente nos espaços. Assim, os alunos terão acesso aos diálogos e serão estimulados a todo o momento. Quanto mais língua de sinais a comunidade escolar ouvinte consumir e produzir, melhor será sua imersão linguística e conseqüentemente sua evolução bilíngue. Além das estruturas linguísticas é preciso conhecer a cultura e identidade surda, para compreender determinadas narrativas e vocábulos utilizados pelos alunos surdos.

Conclusão

Em face o exposto, dentro do contexto do Cap-INES, o almejado é estabelecer cada vez mais com os docentes e toda a comunidade escolar o serviço de consultoria, não apenas para questões pontuais do discurso a ser proferido, mas para projetos e ações que envolvam a libras. O protagonismo do professor é o almejado pelos discentes, mas agregar na consultoria aspectos da codocência, como discussões de estratégias, elaboração de recursos no processo do planejamento, seria um ponto interessante para reflexão.

O intérprete de Libras é um aliado no processo de ensino-aprendizagem, mais do que um mero intermediador linguístico, pode auxiliar no planejamento prévio do professor de forma a orientar melhores escolhas lexicais e, no embate cotidiano, esclarecer as

narrativas discentes que perpassam pela cultura e identidade surda.

Vale reafirmar que, quanto mais o sujeito bilíngue conviver e produzir narrativa em Libras, mais ele adquire vocabulário, segurança, aos poucos se torna natural e possível falar sobre qualquer assunto na segunda língua.

Nesse fluxo, numa educação bilíngue em que a Libras é a língua de instrução, há que se pensar que o discente deve estar no seu conforto linguístico para compreender e construir o seu conhecimento, assim torna-se urgente ampliar a circulação da Libras em vários espaços para além da sala de aula.

A consultoria linguística é uma das atribuições dos intérpretes lotados no DEBASI e está disponível a todos os setores a fim de que tenham suporte linguístico no Instituto. “Os homens falam línguas diferentes, mas além de sua língua materna podem aprender outras.” (Ricoeur, 2011, p.36).

Referências

- ALBRES, N., A. *Intérprete educacional: políticas em sala de aula inclusiva*. São Paulo: Harmonia, 2015.
- ALBRES, N., A. Comunicação em Libras. In: LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L. F. (Org). *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos*, São Carlos: EduFScar, 2014, p. 101.
- BRASIL, Instituto Nacional de Surdos - Projeto Político Pedagógico. INES 2011, p.15, 37. Disponível em: https://www.gov.br/ines/pt-br/educacao-basica/arquivos/2023/ppp-projeto-politico-pedagogico_2011.pdf/view . Acesso em: 03, jul. 2023.
- BRASIL, Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em, 03 jul. 2023.
- BRASIL, Lei 12.319, de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor-intérprete Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: . <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm2010>. Acesso em 03 jul.
- BRASIL, Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005, Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>>. Acesso em, 03 jul.
- COSTA, R. S. O professor intérprete de libras em uma escola polo do município de Nova Iguaçu. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.
- DICIO, Dicionário online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/consultoria/>>. Acesso em, 03 agost. 2023.
- FARACO, CARLOS, ALBERTO. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin* - São Paulo: Parábola Editorial, p. 64-75, 2009.
- FERNANDES, E. (org). *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2012, p. 29-35.
- LACERDA, C.B, F; SANTOS, L. S.; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L. F. (Org). *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos*. São Carlos: EduFScar, 2014.
- MARTELOTTA, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Anexo I do Edital do Concurso Público Nº 09/2012 - Dos Cargos. Disponível em: . Acesso em, 03 jul. 2023 M. E. (Org). *Manual de linguística*. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2011, p. 15.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Anexo I do Edital do Concurso Público Nº 09/2012 - Dos Cargos. Disponível em: <https://www.Institutoaocp.org.br/concursos/arquivos/ines_anexo_I_edital_abertura04-12.pdf?>. Acesso em, 03 jul. 2023.
- PEREIRA, C. N. Emocionário: *Diga o que você sente*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018, p. 36, 40.

PEREIRA, L. S. e HEBERLEIN, M. C. T. Educação Profissional e Tecnológica, Surdez e a Codocência. In: PHILIPPSEN, E. A. (Org). *Codocência e surdez: encontro e diálogos*. São Paulo: Livraria da Física, 2023.

PRIBERAN, Dicionário on-line. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/consultori.a>>. Acesso em 02, agost. 2023

QUADROS, R. M e LODENIR, B, K. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos* – Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 16.

RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. (tradução e prefácio, Patrícia Lavelle). – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RODRIGUES, D. Afinal, o que é consultoria linguística. Disponível em: <https://blogdanielrodrigues.com/2012/09/26/afinal-o-que-e-consultoria-linguistica/> Acesso em, 03 jul. 2023.

SANTANA, A. P. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus, 2007, p. 65.

SANTIAGO, A. A; ANDRADE, C. E. Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e a participação social. In: ALBRES, N. A; NEVES, L. S. G. (Org). *Libras em estudo: política linguística*. São Paulo: FENEIS, 2013. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2019/09/2013-ALBRES-e-NEVES_LIBRAS-Pol%C3%ADtica-lingu%C3%ADstica.pdf>. Acesso em, 31 jul 2023.

SANTOS, G.B.F; BARBOSA, D. M. Considerações sobre o processo de desverbalização e da cênarização na tradução e interpretação de uma língua oral para uma Língua de Sinais. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 2, n.2, p.218-234, jul. / dez., 2017, p. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/50332/2480>. Acesso em: 10 jul. 2023.

TODOROV, T. *Simbolismo e interpretação*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2014.